

Teoria da ação comunicativa
Volume 1

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

JÜRGEN HABERMAS

Teoria da ação comunicativa

Volume 1

Racionalidade da ação e racionalização social

Tradução e apresentação

Luiz Repa



© 1981 Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main
Todos os direitos reservados e controlados pela Suhrkamp Verlag Berlin

© 2022 Editora Unesp

Título original: *Theorie des kommunikativen Handelns: Bd. 1:
Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung*

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

H114t

Habermas, Jürgen

Teoria da ação comunicativa – Volume I: Racionalidade da ação e racionalização social / Jürgen Habermas; tradução e apresentação por Luiz Repa. – São Paulo: Editora Unesp, 2022.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-57111-116-1

1. Antropologia. 2. Sociologia. 3. Teoria da ação comunicativa. I. Repa, Luiz. II. Título.

2022-493

CDD 301

CDU 572

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Sumário

Introdução à Coleção . 9

Apresentação à edição brasileira. A seletividade da modernização
capitalista: uma introdução à teoria habermasiana da racionalização . 13
Luiz Repa

Prefácio para a terceira edição . 29

Prefácio para a primeira edição . 35

I Introdução: Acessos à problemática da racionalidade

Reflexão preliminar: o conceito de racionalidade na sociologia . 43

I “Racionalidade” – uma determinação conceitual preliminar . 53

(1) Criticabilidade de ações e afirmações . 55

(2) O espectro dos proferimentos criticáveis . 63

(3) Excurso sobre a teoria da argumentação . 73

2 Algumas características da compreensão mítica
e da compreensão moderna do mundo . 101

(1) Estruturas da compreensão mítica do mundo segundo
M. Godelier . 105

(2) Diferenciação entre âmbitos de objetos *versus* diferenciação
entre mundos . 108

- (3) O debate inglês sobre racionalidade depois de P. Winch: argumentos pró e contra uma posição universalista . 113
- (4) O descentramento de imagens de mundo (Piaget).
Introdução provisória do conceito de mundo da vida . 133
- 3 Relações com o mundo e aspectos da racionalidade da ação em quatro conceitos sociológicos de ação . 145
 - (1) A teoria dos três mundos de Popper e uma aplicação na teoria da ação (I. C. Jarvie) . 146
 - (2) Três conceitos de ação, diferenciados segundo as relações ator-mundo . 156
 - (a) Ação teleológica (estratégica): ator-mundo objetivo . 160
 - (b) Ação regulada por normas: ator-mundo social e objetivo . 162
 - (c) Ação dramática: ator-mundo subjetivo e objetivo (incluindo objetos sociais) . 165
 - (3) Introdução provisória do conceito de “ação comunicativa” . 171
 - (a) Observações sobre o caráter das ações autônomas (ações – movimentos corporais – operações) . 173
 - (b) Relações reflexivas com o mundo na ação comunicativa . 177
- 4 A problemática da “compreensão” do sentido nas ciências sociais . 183
 - (1) Da perspectiva da teoria da ciência . 189
 - (a) Concepções dualistas de ciência . 191
 - (b) O acesso ao âmbito de objetos por meio da compreensão . 195
 - (c) O intérprete da ciência social como participante virtual . 198
 - (d) A inevitabilidade de interpretações racionais . 202
 - (2) Da perspectiva da sociologia compreensiva . 205
 - (a) Fenomenologia social . 207
 - (b) Etnometodologia. O dilema entre absolutismo e relativismo . 210
 - (c) A hermenêutica filosófica. Versão tradicionalista e versão crítica . 220
- Visão geral sobre a estrutura do livro . 227

II A teoria da racionalização de Max Weber

Reflexão preliminar: O contexto histórico-científico . 237

1 O racionalismo ocidental . 253

(1) Os fenômenos do racionalismo ocidental . 254

(2) Conceitos de racionalidade . 267

(3) O conteúdo universalista do racionalismo ocidental . 279

2 O desencantamento das imagens religiosas e metafísicas de mundo e o surgimento das estruturas modernas de consciência . 289

(1) Ideias e interesses . 291

(2) Fatores internos e externos do desenvolvimento das imagens de mundo . 299

(3) Aspectos relativos aos conteúdos das religiões universais . 306

(4) Aspectos estruturais: desencantamento e reconfiguração sistemática . 311

(a) Fuga mística do mundo vs. dominação ascética do mundo . 312

(b) Contemplação teórica do mundo vs. adaptação prática ao mundo . 315

(5) Desencantamento e compreensão moderna do mundo . 320

3 Modernização como racionalização social: o papel da ética protestante . 325

(1) A ética protestante da vocação e o padrão autodestrutivo da racionalização social . 332

(2) O conteúdo sistemático da “Consideração intermediária” . 345

4 Racionalização do direito e diagnóstico do presente . 357

(1) Os dois componentes do diagnóstico do presente: perda de sentido e perda de liberdade . 358

(2) A racionalização ambígua do direito . 370

(a) Direito como corporificação da racionalidade prático-moral . 371

(b) Direito como meio de organização . 380

III Primeira consideração intermediária: Ação social, atividade voltada a fins e comunicação

Observação preliminar sobre a teoria analítica do significado e da ação . 393

- (1) Duas versões da teoria weberiana da ação . 401
 - (a) A versão oficial . 403
 - (b) A versão não oficial . 405
- (2) O uso da linguagem orientado ao êxito e orientado ao entendimento. O valor posicional dos efeitos perlocucionários . 409
- (3) Significado e validade. O efeito de vínculo ilocucionário das ofertas dos atos de fala . 420
- (4) Pretensões de validade e modos de comunicação. Discussão de objeções . 433
- (5) Tentativas concorrentes de classificação dos atos de fala (Austin, Searle, Kreckel). Tipos puros de interações linguisticamente mediadas . 449
- (6) Pragmática formal e empírica. Significado literal *versus* significado dependente do contexto: o pano de fundo do saber implícito . 462

IV De Lukács a Adorno: racionalização como reificação

Reflexão preliminar: racionalização de mundos da vida *versus* complexidade crescente de sistemas de ação . 477

- I Max Weber na tradição do marxismo ocidental . 483
 - (1) Sobre a tese da perda de sentido . 484
 - (2) Sobre a tese da perda de liberdade . 490
 - (3) A interpretação de Lukács da tese weberiana da racionalização . 496
- 2 A crítica da razão instrumental . 511
 - (1) Teoria do fascismo e da cultura de massas . 512
 - (2) A dupla crítica ao neotomismo e ao neopositivismo . 519
 - (3) Dialética do Esclarecimento . 526
 - (4) Dialética negativa como exercício . 534
 - (5) A autointerpretação filosófica da modernidade e o esgotamento do paradigma da filosofia da consciência . 538

Índice onomástico . 555

Introdução à Coleção

Se desde muito tempo são raros os pensadores capazes de criar passagens entre as áreas mais especializadas das ciências humanas e da filosofia, ainda mais raros são aqueles que, ao fazê-lo, podem reconstruir a fundo as contribuições de cada uma delas, rearticulá-las com um propósito sistemático e, ao mesmo tempo, fazer jus às suas especificidades. Jürgen Habermas consta entre estes últimos.

Não se trata de um simples fôlego enciclopédico, de resto nada desprezível em tempos de especialização extrema do conhecimento. A cada passagem que Habermas opera, procurando unidade na multiplicidade das vozes das ciências particulares, corresponde, direta ou indiretamente, um passo na elaboração de uma teoria da sociedade capaz de apresentar, com qualificação conceitual, um diagnóstico crítico do tempo presente. No decorrer de sua obra, o diagnóstico se altera, às vezes incisiva e mesmo abruptamente, com frequência por deslocamentos de ênfase; porém, o seu propósito é sempre o mesmo: reconhecer na realidade das sociedades modernas os potenciais de emancipação e seus obstáculos, buscando apoio em pesquisas empíricas e nunca deixando de justificar os seus próprios critérios.

Certamente, o propósito de realizar um diagnóstico crítico do tempo presente e de sempre atualizá-lo em virtude das transformações históricas não é, em si, uma invenção de Habermas. Basta se reportar ao ensaio de Max Horkheimer sobre “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, de 1937, para dar-se conta de que essa é a maneira mais fecunda pela qual se segue com a Teoria Crítica. Contudo, se em cada diagnóstico atualizado é possível entrever

uma crítica ao modelo teórico anterior, não se pode deixar de reconhecer que Habermas elaborou a crítica interna mais dura e compenetrada de quase toda a Teoria Crítica que lhe antecedeu – especialmente Marx, Horkheimer, Adorno e Marcuse. Entre os diversos aspectos dessa crítica, particularmente um é decisivo para compreender o projeto habermasiano: o fato de a Teoria Crítica anterior não ter dado a devida atenção à política democrática. Isso significa que, para ele, não somente os procedimentos democráticos trazem consigo, em seu sentido mais amplo, um potencial de emancipação, como nenhuma forma de emancipação pode se justificar normativamente em detrimento da democracia. É em virtude disso que ele é também um ativo participante da esfera pública política, como mostra boa parte de seus escritos de intervenção.

A presente Coleção surge como resultado da maturidade dos estudos habermasianos no Brasil em suas diferentes correntes e das mais ricas interlocuções que sua obra é capaz de suscitar. Em seu conjunto, a produção de Habermas tem sido objeto de adesões entusiasmadas, críticas transformadoras, frustrações comedidas ou rejeições virulentas – dificilmente ela se depara com a indiferença. Porém, na recepção dessa obra, o público brasileiro tem enfrentado algumas dificuldades que esta Coleção pretende sanar. As dificuldades se referem principalmente à ausência de tradução de textos importantes e à falta de uma padronização terminológica nas traduções existentes, o que, no mínimo, faz obscurecer os laços teóricos entre os diversos momentos da obra.

Incluímos na Coleção praticamente a integralidade dos títulos de Habermas publicados pela editora Suhrkamp. São cerca de quarenta volumes, contendo desde as primeiras até as mais recentes publicações do autor. A ordem de publicação evitará um fio cronológico, procurando atender simultaneamente o interesse pela discussão dos textos mais recentes e o interesse pelas obras cujas traduções ou não satisfazem os padrões já alcançados pela pesquisa acadêmica, ou simplesmente inexitem em português. Optamos por não adicionar à Coleção livros apenas organizados por Habermas ou, para evitar possíveis repetições, textos mais antigos que foram posteriormente incorporados pelo próprio autor em volumes mais recentes. Notas de tradução e de edição serão utilizadas de maneira

muito pontual e parcimoniosa, limitando-se, sobretudo, a esclarecimentos conceituais considerados fundamentais para o leitor brasileiro. Além disso, cada volume conterà uma apresentação, escrita por um especialista no pensamento habermasiano, e um índice onomástico.

Os editores da Coleção supõem que já estão dadas as condições para sedimentar um vocabulário comum em português, a partir do qual o pensamento habermasiano pode ser mais bem compreendido e, eventualmente, mais bem criticado. Essa suposição anima o projeto editorial desta Coleção, bem como a convicção de que ela contribuirá para uma discussão de qualidade, entre o público brasileiro, sobre um dos pensadores mais inovadores e instigantes do nosso tempo.

Comissão Editorial

Antonio Ianni Segatto

Denilson Luís Werle

Luiz Repa

Rúrion Melo

Apresentação à edição brasileira

A seletividade da modernização capitalista: uma introdução à teoria habermasiana da racionalização

Luiz Repa*

Publicada em 1981, a *Teoria da ação comunicativa* reúne em seus dois vastos volumes os esforços sistemáticos que Habermas empreendeu por mais de dez anos para fundamentar uma teoria crítica da sociedade que pudesse justificar e explicar seus parâmetros críticos, partindo de seu próprio objeto, as sociedades modernas capitalistas.

Habermas procura desenvolver aí uma crítica do capitalismo tardio da segunda metade do século XX, procura explicar a origem de uma série de patologias sociais e conflitos correlacionados, cuja natureza não se deixaria mais resumir às estruturas de classe típicas do capitalismo liberal, como o século XIX conhecera em boa parte do ocidente. Para tanto, porém, ele pretende dar conta de exigências as mais diversas, em diferentes e cada vez mais complexos níveis de argumentação – como o papel da compreensão hermenêutica na teoria social, a emergência de estruturas de consciência modernas, a complexidade da racionalização cultural, o uso da teoria dos atos de fala para traçar um conceito de racionalidade e ação comunicativa, enfim, todos os meios conceituais para erguer um conceito de sociedade em dois níveis, articulado segundo os paradigmas clássicos de sistema e mundo da vida.

Apesar da complexidade crescente dessas empreitadas, quase sempre articuladas por meio de reconstruções da história da teoria social e da fi-

* Professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

losófia, a leitura não deve perder de vista o ponto de fuga da exposição, justamente a crítica das sociedades do capitalismo tardio e, com ela, os desafios que se impõem a uma teoria crítica da sociedade. Habermas segue também aqui o conceito elaborado por Max Horkheimer: a Teoria Crítica deve ser compreendida como uma forma de teoria impregnada pelo interesse em descobrir os potenciais de emancipação nos cernes da reprodução cultural e social. Os dois volumes se organizam e formam passos graduais nessa mesma direção, mas não sem especificidades.

O primeiro volume recebe o subtítulo de *Racionalidade da ação e racionalização social*, ao passo que o segundo ganha a composição *Para a crítica da razão funcionalista*. Como esses termos indicam, o primeiro livro tem como meta primeira reconstruir a teoria da ação social e da racionalização a partir de uma ampla interpretação da obra de Max Weber; o segundo, por sua vez, reconstrói as obras de Mead, Durkheim e Parsons para esboçar os potenciais e os limites respectivos da teoria da ação comunicativa e da teoria dos sistemas, combinando-as no conceito dual de sociedade como sistema e mundo da vida.

É digno de nota que o primeiro volume contenha raras menções à principal tese proposta no segundo, isto é, o diagnóstico final sobre as sociedades do capitalismo tardio, segundo o qual suas patologias e seus conflitos se devem a um processo de colonização do mundo da vida por parte dos sistemas dinheiro e poder. Em vez disso, em termos de diagnóstico, o primeiro volume se centra na tese de que o processo de modernização capitalista segue desde o seu início um padrão seletivo que se aproveita dos potenciais da racionalização cultural em favor do crescimento econômico e da acumulação capitalista, do domínio burocrático dos mais diversos âmbitos da vida. A tese da modernização seletiva é retomada no segundo volume, em meio à teoria da colonização sistêmica do mundo da vida, mas desprovida do seu papel-chave anterior.

Seja quais forem as razões dessa diferença de peso ao longo da exposição, temos aqui duas linhas produtivas para reconstituir a especificidade de cada volume. Nesta introdução ao primeiro, tomarei como fio condutor a tese da modernização seletiva e, na do segundo, a tese da colonização sistêmica do mundo da vida.

O eixo da argumentação de Habermas no primeiro volume poderia ser resumida na ideia de que é preciso fazer uma diferenciação entre o processo de modernização social por meio do qual se sedimentam os núcleos do capitalismo moderno, de um lado, e a modernidade como processo longo e complexo de racionalização cultural e social, de outro lado. É essa distinção fundamental que está na base da tese da seletividade: o capitalismo se aproveita apenas de um recorte bastante delimitado dos potenciais cognitivos, práticos e estéticos que se tornaram disponíveis com o longo processo de racionalização. A crítica do capitalismo se distingue assim da crítica da modernidade em geral.

Na visão de Habermas, a ausência dessa distinção levou grande parte da Teoria Crítica antecedente (em especial Adorno, Horkheimer e Marcuse) a uma situação aporética, em que modernidade como racionalização e esclarecimento acabava se fundindo imediatamente com a dominação social e, em última instância, com os desdobramentos fascistas do capitalismo tardio. Contudo, de acordo com Habermas, o amálgama compacto de modernidade e capitalismo já poderia ser percebido no teórico da racionalização por excelência. Em Max Weber – essa é a tese de Habermas –, encontraríamos tanto a distinção quanto a fusão de razão e dominação. Em Weber perceberíamos um contraste entre a imagem de uma modernidade complexa, culturalmente diferenciada, e a modernização social apoiada na racionalidade instrumental. Porém, Weber também atribuiria a essa mesma modernidade as tendências de perda de liberdade e perda de sentido que caracterizam seu diagnóstico de época.

Para Habermas, a teoria weberiana da racionalização supõe, por um lado, que a modernidade cultural expressa a diferenciação de arte moderna, ciência experimental e moral universalista, cada qual lidando com problemas específicos – questões de gosto, de conhecimento e de justiça, submetidas às suas lógicas intrínsecas. No longo e heterogêneo processo de racionalização cultural, todas essas três esferas puderam se emancipar das imagens religiosas e metafísicas do mundo, desenvolvendo legalidades próprias, sem simultaneidade. Mas Weber entende como racionalização, por outro lado, o processo de modernização social, isto é, o desenvolvimento de dois sistemas cristalizados na organização da empresa capitalista e do aparelho

burocrático do Estado, sistemas interligados de modo funcional. Desse modo, a modernização é encarada como a institucionalização das atividades econômicas e administrativas, operadas segundo um padrão de racionalidade com respeito a fins (*Zweckrationalität*) – tal racionalidade se mostraria nos critérios de seleção dos meios adequados para o alcance de fins predeterminados, ou seja, em critérios de eficiência. Além disso, Weber também mostraria como os dois processos se conectam. Na medida em que a racionalização cultural levou à decomposição das imagens religiosas do mundo, ela liberou também, sobretudo com o direito positivo formal, as atitudes típicas necessárias à implementação de uma economia capitalista, baseada na calculabilidade, na previsibilidade, no trabalho formalmente livre, no emprego sistemático de técnica, enfim na empresa metodicamente administrada, bem como da organização burocrática do Estado, orquestrando-se em critérios “racionais” semelhantes.

No seu todo, a racionalização teria para Weber um caráter sumamente paradoxal. Ciência, arte, moral e direito fazem decompor a razão substancial da tradição religiosa ao preço da perda de sentido, nenhuma dessas esferas capaz de recuperar algo como a unidade da razão que a imagem metafísica do mundo instituíra. A racionalização social, por sua vez, não significou apenas um domínio mais eficiente sobre a natureza e uma organização mais eficiente da sociedade, antes ela conduziu à “cápsula de aço”, à perda de liberdade que a máquina econômica e a máquina burocrática infligem à vida de cada indivíduo. O caráter formal e ao mesmo tempo autonomizado de cada esfera racionalizada, tanto na dimensão cultural como social, seria o traço comum ao diagnóstico da servidão e fragmentação modernas.

No entanto, segundo Habermas, a teoria da racionalização de Weber seria marcada por uma grave inconsistência, pois, para o processo de racionalização das imagens religiosas do mundo que conduziu à diferenciação entre arte, moral e ciência, ela recorreria a um conceito complexo de racionalidade, mas para o processo de racionalização social, o padrão de medida é dado pelo conceito unilateral de racionalidade com respeito a fins. Ou seja, ela teria dado muito pouca atenção ao modo como a modernização social sufocou os ganhos de conhecimento, exigência normativa e radicalidade estética, selecionando aqueles que satisfazem os imperativos capitalistas.

Weber teria acentuado que o racionalismo econômico desencadeado pelo capitalismo se vincularia à racionalização cultural por conta do emprego racional da ciência e da técnica como forças produtivas, e também à racionalização do Estado e do direito, pois se assentaria na administração da justiça e no direito formal. Ele acrescentou ainda um outro elemento determinante: a conduta racional baseada em um modo metódico de vida que surgiu com o protestantismo ascético e se desenvolveu em torno da noção de vocação. De modo geral, o que interessaria a Weber quanto às possibilidades da racionalização cultural é o que favorece a institucionalização da ação racional com respeito a fins, ou, dito de outro modo, o que proporciona o nascimento da sociedade capitalista: a ética protestante que produziu uma cultura da vocação, o direito civil calculável, o aproveitamento técnico do conhecimento científico.

Por sua vez, Habermas insiste em que Weber deu pouca atenção às linhas alternativas da efetivação social das possibilidades inscritas nas estruturas de consciência modernas. Weber repetiria assim na teoria o que o processo social de modernização capitalista de fato realizou: um padrão seletivo das possibilidades reais de configuração racional da vida a partir da ciência experimental, da arte moderna e da moral universalista.

Esse padrão seletivo se mostraria já na racionalização da conduta moral que serve de ponto de partida do desenvolvimento da empresa capitalista. De fato, a ética protestante e seus corolários, modo de vida metódico e ética do trabalho, foram importantes, do ponto de vista motivacional, para o estabelecimento da economia capitalista, uma vez que liberam os agentes econômicos das amarras dos valores tradicionais. No entanto, desde a perspectiva da evolução interna da racionalização, essa ética converge com os imperativos nascentes da economia e, com isso, torna-se antes uma racionalização parcial da ética universalista que se encontra desenvolvida, até certo ponto, nas religiões que baseiam a conduta humana na fraternidade: “a ética protestante [do trabalho] não é de modo algum uma corporificação exemplar da consciência moral que se expressa de início na ética religiosa da fraternidade, mas sim uma corporificação distorcida e mesmo sumamente irracional dela”, escreve Habermas. Dessa maneira, a ética protestante é somente uma forma parcial de racionalização prática, adaptada às exigências

de uma ética econômica requerida pelo capitalismo. Contudo, a ética protestante, que foi importante como condição de partida para o surgimento e o estabelecimento do “espírito” capitalista, também é soterrada pelo desenvolvimento econômico. A evolução capitalista supera suas condições de partida, desligando-se delas na qualidade de uma dinâmica automática.

A ética universalista é reduzida a uma versão particularista na ética do trabalho, assim como o conhecimento científico é recortado segundo o emprego de tecnologia no âmbito da indústria capitalista. Por seu turno, a racionalidade estético-expressiva, que se institucionaliza na esfera da arte e se manifesta em estilos de vida contraculturais, como a vida boêmia, intelectual e artística, não encontra forças para influir estruturalmente na sociedade apesar da explosividade dos modernismos e das vanguardas.

Portanto, a seletividade redutora da cultura moderna não apontaria para uma racionalização em si paradoxal, em si contraditória, mas antes para uma racionalização parcial, resultante de pressões antagônicas, sobretudo de origem econômica. Daí Habermas insistir em que “Weber falou do caráter *paradoxal*, mas não do caráter *parcial* da racionalização social”, ignorando o “padrão seletivo da racionalização capitalista”.

No entanto, Habermas soma a essas designações a ideia de “ironia da modernidade”. Pois ele reconhece que, de fato, a racionalização cultural ofereceu as condições necessárias para o surgimento da economia capitalista e a organização burocrática do Estado. O aspecto irônico consiste em que a modernização social assim desprendida se voltará de maneira seletiva contra o espaço de possibilidades aberto por essa mesma racionalização cultural.

A compreensão da parcialidade, da seletividade e da ironia da modernização depende da reconstrução do conceito racionalidade e de ação social nas ciências humanas em geral e na sociologia em particular. Para Habermas, a teoria weberiana estreitou as possibilidades de racionalização social, em contraste com a racionalização cultural, porque se limitou a um conceito de ação recortado de acordo com a racionalidade instrumental, com a lógica de meios e fins. Não entra em seu campo de visão que as esferas de valores como a ciência, a arte e a moral, ao se desligarem das imagens religiosas de mundo, passam a depender de procedimentos argumentativos, discursivos, voltados à obtenção de entendimentos sem respaldo dogmático. Na esfera social, a

racionalização também implica uma dependência cada vez maior da ação comunicativa para a reprodução das estruturas sociais. Sem os fundamentos religiosos, o convívio humano tem de mobilizar a capacidade da linguagem em criar acordos, entendimentos e negociações, uma capacidade que é intrínseca à linguagem humana.

Desse modo, para Habermas, a racionalização desenvolve o potencial comunicativo da razão ao possibilitar a formação de estruturas modernas de consciência, nas quais se condensam complexos de racionalidade: a cognitivo-instrumental, a prático-moral e a prático-estética. Esses três momentos da razão se autonomizam e criam em esferas culturais apropriadas, e também na esfera social, as condições de um desdobramento da racionalidade comunicativa, pois já não dependem fundamentalmente de visões religiosas e metafísicas do mundo, mas do acúmulo de saber e dos possíveis e instáveis consensos a respeito desse saber. No entanto, a racionalização possibilita também o desenvolvimento da modernização capitalista, o crescimento da economia capitalista e do Estado moderno burocrático, com o qual a esfera cognitivo-instrumental passa a dominar, isto é, tomar o lugar da racionalidade prático-moral e da racionalidade estético-expressiva, estabelecendo um tipo de integração social que rivaliza com a interação mediada pelo entendimento recíproco. Assim, a parcialidade e a seletividade da modernização se expressam no sobrepeso do momento cognitivo-instrumental em detrimento da racionalidade prático-moral e estético-expressiva. Como teria havido um desenvolvimento e uma deformação do potencial comunicativo da razão com a modernização capitalista, a racionalização teria sido essencialmente irônica.

Segundo R. Bernstein, “a tese da seletividade do processo de racionalização é a pretensão sociológica mais importante de Habermas. Falar de ‘seletividade’ supõe que existem possibilidades alternativas. Todas as diretrizes das reflexões que Habermas faz sobre a modernidade conduzem a essa tese e têm a intenção de aclará-la e apoiá-la”. Indo na mesma direção, A. Wellmer vai insistir em que o paradoxo da racionalização não expressaria uma dialética intrínseca desse processo, pois não haveria nele uma unidade dos momentos contraditórios. A racionalização do mundo da vida, ou dito de outro modo, a emergência de estruturas modernas da consciência, baseadas

em um tipo de racionalidade pós-tradicional, não implica necessariamente um domínio da racionalidade cognitivo-instrumental, como sustentaram Horkheimer e Adorno. A tese da seletividade se relaciona, antes, com a ideia de uma ambiguidade essencial da modernização. Se é assim, pressupõe-se que, à par da seleção capitalista das possibilidades dadas pela racionalização, persistem na modernidade elementos de racionalidade comunicativa. Destes, Habermas destaca quase sempre os princípios universalistas das constituições e das democracias modernas, o conceito complexo de racionalidade que está na base da diferenciação das esferas de valores e das instituições vinculadas a elas, a luta pelos direitos humanos, os movimentos sociais burgueses e socialistas etc. A dinâmica da sociedade capitalista restringe as possibilidades dadas pela racionalização do mundo da vida. Esta não significa originariamente uma racionalização capitalista. Ao contrário, a modernização capitalista determina um padrão seletivo do potencial racional que vem à luz com a emergência das estruturas de consciência moderna. Essa seleção se configura no domínio das esferas de ação caracterizadas pela racionalidade cognitivo-instrumental.

Portanto, há em Habermas uma substituição da dialética como unidade dos contrários, enquanto lógica interna do processo de racionalização, por uma lógica, por assim dizer, de seletividade, estruturalmente operada pela dinâmica social e econômica sobre a evolução interna da diferenciação das esferas de valores. Com isso, de um ponto de vista analítico, a racionalização e o seu potencial cognitivo, no sentido amplo do termo, podem ser separados da configuração histórica que mais fortemente apresenta as tendências evolutivas de diferenciação interna, mas que também as deforma, ou seja, o racionalismo ocidental. O conceito de reconstrução que Habermas põe em operação com a tese da seletividade se baseia justamente nessa distinção de uma lógica de desenvolvimento e uma dinâmica do desenvolvimento. De um ponto de vista reconstrutivo, a racionalização efetiva abriu espaços lógicos de possibilidades reais, não meramente abstratas, diante de processos de dinâmica factual que impulsionam apenas parte delas, repelindo e congelando outras.

Se é assim, porém, estão dadas as condições teóricas e metodológicas para defender que o projeto histórico de esclarecimento, tal como elaborado pelos filósofos do século XVIII, pode ser retomado com outras bases.